

Tipo de artigo (*Ensaio Teórico*)

Educação, Subjetividade e Gênero: Interfaces Psicanalíticas e Culturais na Era Digital

Santiago Adorno Naves^{1*}.

Afiliação 1: Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), Universidade Estadual de Goiás (UEG). Linha de Pesquisa: Educação e Sociedade; Eixo Temático: Práticas Pedagógicas e Tecnologias Emergentes. Anápolis, Goiás, Brasil.

* Autor correspondente: santiagoadorno@hotmail.com; Tel.: +55 (62) 99692-9777

Resumo

Este ensaio teórico apresenta o referencial conceitual e o desenho metodológico de uma pesquisa em desenvolvimento sobre os processos de subjetivação envolvidos na construção da identidade de gênero em sujeitos trans, articulando psicanálise, estudos de gênero e educação. Parte-se da compreensão de que o gênero constitui uma construção simbólica e discursiva, atravessada por fatores históricos, institucionais e subjetivos, cuja investigação demanda diálogo entre referenciais distintos — a psicanálise lacaniana, a crítica performativa de Judith Butler, a leitura simbólica junguiana, a antropologia da diferença de Françoise Héritier e a epistemologia da complexidade de Edgar Morin, entre outros. Discute-se a proposta metodológica, de natureza qualitativa, estruturada em entrevistas semiestruturadas, formulários on-line, análise de casos clínicos publicados e, complementarmente, netnografia, com tratamento discursivo dos dados organizados nas categorias corpo, linguagem, desejo, normatividade e criatividade. O texto discute de forma crítica as tensões epistemológicas entre os referenciais mobilizados — em especial entre o estruturalismo lacaniano e a perspectiva pós-estruturalista de Butler — e as implicações éticas e práticas da escuta clínica e pedagógica de sujeitos trans no contexto do Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde e das tecnologias digitais emergentes. Por se tratar de pesquisa em fase de revisão bibliográfica e elaboração de instrumentos, este ensaio não apresenta resultados empíricos, mas propõe uma arquitetura teórico-metodológica a ser testada em campo entre 2026 e 2027, contribuindo, desde já, para o debate sobre subjetividade, gênero e educação inclusiva.

Palavras-chave: identidade de gênero; subjetivação; psicanálise; sujeitos trans; educação; transdisciplinaridade.

1. INTRODUÇÃO

A construção da identidade de gênero é fenômeno atravessado por dimensões biológicas, culturais, históricas e subjetivas, cuja compreensão exige mais de um referencial teórico. A psicanálise oferece instrumentos conceituais e clínicos para pensar os processos de subjetivação envolvidos na escolha, no reconhecimento e na expressão de gênero; a partir da proposição lacaniana de que o sujeito é efeito da linguagem, estruturado pela falta e pelo desejo, torna-se possível compreender parte dos impasses vividos por sujeitos trans em sua constituição subjetiva (Lacan, n.d.).

Judith Butler (2003) desloca essa discussão para outro terreno ao propor que o gênero se constitui como prática discursiva reiterativa, inscrita no corpo — não como essência dada, mas como performance regulada por normas sociais. Sua crítica à matriz heteronormativa, entendida como o sistema que naturaliza a cis-heterossexualidade como padrão, expõe os mecanismos de poder que regulam corpos e desejos, convidando à desconstrução das dicotomias masculino/feminino, sexo/gênero e natureza/cultura.

Esses dois referenciais — a psicanálise lacaniana e a teoria queer de inspiração pós-estruturalista — não se articulam sem atrito. Convém dizer isso já na introdução, e não os esconder para depois: uma parte da estrutura da linguagem e do inconsciente como determinantes relativamente estáveis da subjetividade; o outro concebe a própria noção de identidade como efeito instável de repetições discursivas, sem essência estrutural subjacente. O presente ensaio não pretende resolver essa tensão, mas sustentá-la como produtiva, na medida em que ambas as leituras, tomadas em conjunto, iluminam aspectos complementares da experiência trans que nenhuma delas, isoladamente, esgotaria.

Outros autores ampliam esse campo de leitura. Deleuze e Guattari (1995) contribuem com o conceito de rizoma — estrutura sem centro ou hierarquia, que se ramifica em múltiplas direções — para pensar a subjetivação como processo não linear, útil para compreender identidades trans como expressões em constante devir. Preciado (2014), por sua vez, introduz a noção de farmacopornografia para descrever o regime contemporâneo de controle dos corpos por meio da articulação entre tecnologias químicas — hormônios, medicamentos — e midiáticas, sugerindo que vivemos sob um capitalismo farmacopornográfico no qual os corpos são produzidos e regulados por dispositivos biomédicos e culturais. Essa leitura amplia a compreensão da experiência trans como atravessada por biopolíticas que operam tanto na clínica quanto na mídia.

No cenário atual, psicologia e educação enfrentam desafios éticos e epistemológicos diante da crescente influência das tecnologias digitais e biomédicas sobre os modos de ser e existir. Práticas como a hormonioterapia, a cirurgia de redesignação sexual e os discursos sobre transumanismo exigem escuta clínica ampliada, capaz de lidar com subjetividades em transformação constante; ao mesmo tempo, ambientes digitais potencializam novas formas de expressão identitária, exigindo da psicologia e da pedagogia postura crítica e criativa diante das demandas sociais e simbólicas do presente. A netnografia, método derivado da etnografia e sistematizado por Kozinets (2014), surge nesse contexto como possibilidade de captar sentidos emergentes das interações digitais, ampliando a escuta clínica e pedagógica para espaços virtuais.

Este ensaio tem como objetivo apresentar o referencial teórico e o desenho metodológico de uma pesquisa em desenvolvimento sobre os processos de subjetivação envolvidos na construção da identidade de gênero em sujeitos trans, discutindo as possibilidades e os limites da articulação entre psicanálise, teoria de gênero e pedagogia transdisciplinar para a compreensão dessa experiência.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Descreve-se aqui o desenho metodológico da pesquisa de mestrado da qual este ensaio deriva, atualmente em fase de revisão bibliográfica e elaboração de instrumentos — não, portanto, uma metodologia já executada. A pesquisa terá abordagem qualitativa, fundamentada na psicanálise e na transdisciplinaridade, com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos por sujeitos trans às suas próprias vivências identitárias. A escolha metodológica privilegia a escuta singular e a análise simbólica das narrativas, em detrimento de instrumentos padronizados de mensuração.

Estão previstas três estratégias complementares de produção de dados. A primeira consiste em entrevistas semiestruturadas com sujeitos trans, conduzidas presencialmente ou por plataformas digitais, conforme disponibilidade dos participantes, abordando temas como corpo, desejo, linguagem, experiências escolares e acesso à saúde; todas serão gravadas mediante consentimento e transcritas para análise discursiva. A segunda envolve a aplicação de formulário on-line, com questões abertas e fechadas, dirigido tanto a sujeitos trans quanto a profissionais da educação e da saúde, veiculado por meio de plataformas como Google Forms ou Microsoft Forms. A terceira consiste na análise de casos clínicos já publicados na literatura especializada, como estratégia complementar à escuta direta. A netnografia (Kozinets, 2014; Rifiotis, 2016) poderá ser incorporada como instrumento adicional, caso os formulários revelem necessidade de aprofundar a análise de narrativas identitárias construídas em ambientes digitais.

Os dados obtidos serão organizados em categorias emergentes — corpo, linguagem, desejo, normatividade e criatividade — e submetidos a análise discursiva orientada, sobretudo, pelos referenciais lacaniano e da pedagogia da escuta, com posterior triangulação entre entrevistas, formulários e casos clínicos. Como apoio técnico, estão previstos gravador de áudio, ferramentas de transcrição assistida e diário de campo digital para registro de observações analíticas.

Do ponto de vista ético, todos os participantes serão informados sobre os objetivos da pesquisa e assinarão Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); o protocolo seguirá os princípios da Resolução CNS nº 510/2016, que trata da ética em pesquisas nas ciências humanas e sociais, garantindo anonimato, confidencialidade e respeito à autonomia dos sujeitos. Os casos clínicos utilizados serão exclusivamente os já publicados, com identificação suprimida. O protocolo de pesquisa será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da instituição responsável, com registro de aprovação a ser informado em publicações subsequentes, uma vez que, no momento de elaboração deste ensaio, a submissão ainda está em curso.

3. RESULTADOS

Por se tratar de ensaio teórico associado a uma pesquisa cuja coleta de dados está apenas se iniciando — conforme cronograma que prevê entrevistas entre julho e setembro de 2026 —, não há resultados empíricos a apresentar. O que se oferece nesta seção é a articulação teórica dos eixos conceituais que orientarão a leitura e a categorização do material a ser produzido, organizada em torno das cinco categorias definidas para a análise: corpo, linguagem, desejo, normatividade e criatividade.

3.1. *Corpo e biopolítica*

A categoria corpo reúne, sobretudo, as contribuições de Preciado (2014) e Hérítier (2002). Preciado descreve o corpo trans como espaço de intervenção biomédica e midiática, atravessado por tecnologias químicas e discursivas que o produzem e regulam; Hérítier, por sua vez, oferece uma leitura antropológica de como as diferenças sexuais são naturalizadas pelas sociedades humanas, revelando os mecanismos simbólicos que sustentam hierarquias de gênero. A leitura conjunta desses dois autores permite situar o corpo trans simultaneamente como objeto de biopolítica contemporânea e como herdeiro de estruturas simbólicas de longa duração — dois planos temporais que raramente aparecem articulados na literatura consultada até aqui.

3.2. *Linguagem e estrutura*

A categoria linguagem apoia-se centralmente em Lacan (n.d.), para quem o sujeito é efeito da linguagem, estruturado pela falta e pelo desejo. A tríade Real–Simbólico–Imaginário, na leitura de Roman (2021), organiza os registros que compõem a experiência subjetiva: o Real como aquilo que escapa à simbolização; o Simbólico como ordem da linguagem e da lei; o Imaginário como campo das imagens e identificações. Roman (2021) sustenta que a clínica com sujeitos trans exige atenção redobrada ao entrelaçamento desses três registros, justamente porque rupturas e reconfigurações identitárias tensionam padrões normativos com particular intensidade nesse território.

3.3. *Desejo e performance*

A categoria desejo articula a leitura lacaniana à contribuição de Butler (2003), para quem o gênero se constitui como performance reiterativa — repetição que produz o efeito de identidade, sem, contudo, supor uma essência anterior a ela. Já Jung (2019), com os arquétipos de anima e animus, oferece leitura simbólica distinta, que amplia a compreensão da

multiplicidade de expressões de gênero por outra via, mais imagética que discursiva. Reunir Butler e Jung numa mesma categoria exige cautela: um pressupõe crítica radical a qualquer essencialismo, o outro trabalha com estruturas psíquicas relativamente estáveis. Não se trata de harmonizar as duas leituras, e sim de reconhecer que ambas, a seu modo, dão relevo à dimensão criativa e não determinista da subjetivação.

3.4. Normatividade e regulação discursiva

A categoria normatividade organiza-se em torno de Louro (2000), para quem os discursos educacionais são atravessados por normatividades que regulam corpos e desejos, sendo necessário tencioná-los para promover práticas pedagógicas inclusivas. Butler (2003) contribui novamente aqui, com sua crítica à heteronormatividade como sistema regulador. No plano das políticas públicas, o Processo Transexualizador, instituído pelo SUS em 2008 e ampliado pela Portaria nº 2.803/2013 (Brasil, 2013), constitui expressão institucional dessa mesma tensão entre normatividade e cuidado: garante direito à saúde e à afirmação da identidade de gênero, mas segue, conforme reportagens recentes, restrito e sujeito a disputas políticas (Brasil de Fato, 2025).

3.5. Criatividade e formação

Por fim, a categoria criatividade reúne as contribuições de Suanno (2013), com o conceito de ecoformação, e de Peciatio (2011), com a pedagogia da escuta. Ambos os autores propõem uma educação viva, orientada à formação de sujeitos éticos e criativos, capazes de relação sensível e transformadora com o outro e com o mundo. Deleuze e Guattari (1995), com o conceito de rizoma, e Morin (2000), com sua defesa da complexidade como princípio epistemológico, sustentam teoricamente essa aposta em modelos formativos não lineares e não binários — modelos que, aplicados à educação, permitem pensar identidades trans como expressões em devir, e não como desvios a corrigir.

4. DISCUSSÃO

A reunião desses autores num mesmo desenho de pesquisa levanta uma questão que merece ser enfrentada, não contornada: até que ponto é legítimo articular referenciais epistemologicamente tão distintos — o estruturalismo lacaniano, o pós-estruturalismo de Butler, o simbolismo junguiano, a antropologia da diferença de Hérítier e a filosofia da complexidade de Morin — sem incorrer em ecletismo teórico? A resposta provisória adotada neste ensaio é que a legitimidade dessa articulação depende menos de uma síntese conceitual forçada e mais do reconhecimento explícito de que cada referencial responde a uma pergunta diferente. Lacan explica como o sujeito se estrutura pela linguagem; Butler explica como o gênero se produz performativamente no discurso; Jung oferece um vocabulário simbólico para a multiplicidade; Hérítier situa historicamente a diferença sexual; Morin autoriza, do ponto de vista epistemológico, a própria decisão de reunir todos eles. Nenhum substitui o outro.

Essa opção teórica tem um custo, que convém reconhecer: a pesquisa corre o risco de produzir uma colcha de referenciais sem costura interna suficientemente rigorosa, sobretudo se a análise dos dados, quando realizada, não deixar claro em que momento cada lente teórica está sendo mobilizada e por quê. Trata-se de um risco metodológico real, não hipotético, e que só poderá ser avaliado com mais precisão depois que as entrevistas e os formulários previstos para o segundo semestre de 2026 forem efetivamente analisados.

Do ponto de vista prático, a proposta dialoga diretamente com o Processo Transexualizador do SUS (Brasil, 2013), cujo funcionamento segue, segundo reportagem recente, restrito e sob disputa política (Brasil de Fato, 2025) — um dado que relativiza qualquer leitura excessivamente otimista sobre o alcance efetivo das políticas públicas de saúde voltadas à população trans no Brasil. A pesquisa aqui delineada não pretende avaliar a política pública em si, mas contribuir, a partir da escuta clínica e educacional, para qualificar o debate sobre como sujeitos trans elaboram suas trajetórias em meio a esse cenário institucional concreto — e não apenas em abstrato.

Quanto à opção metodológica pela netnografia como recurso complementar (Kozinets, 2014; Rifiotis, 2016), cabe uma ressalva: dados de ambientes digitais trazem desafios éticos específicos, relacionados à expectativa de privacidade dos usuários em espaços nominalmente públicos, que a pesquisa precisará enfrentar caso essa ferramenta venha a ser efetivamente incorporada — o que, no desenho atual, permanece condicional, e não decidido.

Como limitação central deste ensaio, é preciso reconhecer, sem meias palavras, que se trata de um texto teórico-metodológico associado a uma pesquisa ainda não executada. As categorias analíticas aqui propostas — corpo, linguagem, desejo, normatividade, criatividade — são hipóteses de trabalho, não achados; poderão ser reformuladas, fundidas ou desdobradas à luz do material empírico produzido a partir de 2026. Nesse sentido, este texto cumpre função de mapa preliminar, não de relatório de chegada.

5. CONCLUSÕES

Este ensaio apresentou o referencial teórico e a proposta metodológica de uma pesquisa em desenvolvimento sobre subjetivação e identidade de gênero em sujeitos trans, situada na interface entre psicanálise, teoria de gênero e educação transdisciplinar. A articulação entre autores de tradições epistemológicas distintas — Lacan, Butler, Jung, Hérítier, Deleuze e Guattari, Preciado, Morin, Suanno e Peciatio, entre outros — foi assumida como opção deliberada, e não como imprecisão teórica, sustentada pelo entendimento de que cada referencial ilumina uma dimensão específica da experiência trans que os demais não alcançam sozinhos.

A proposta metodológica, de natureza qualitativa, combina entrevistas semiestruturadas, formulários on-line e análise de casos clínicos publicados, com possível incorporação complementar de netnografia, organizando os dados em cinco categorias analíticas — corpo, linguagem, desejo, normatividade e criatividade — a serem testadas e eventualmente revisadas à luz do material produzido em campo.

Como agenda imediata de pesquisa, seguem-se a conclusão da revisão bibliográfica, a submissão do protocolo ao comitê de ética competente, a elaboração final dos instrumentos e, a partir de julho de 2026, a coleta de dados propriamente dita. Os resultados empíricos, ainda inexistentes no momento da redação deste ensaio, deverão ser objeto de publicações subsequentes, que poderão confirmar, relativizar ou reformular as categorias teóricas aqui propostas.

Agradecimentos: O autor agradece ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT/UEG) pelo apoio à formulação deste projeto.

Declaração de conflito de interesse: O autor declara não haver conflito de interesse de natureza financeira, institucional ou pessoal relacionado a este manuscrito.

Abreviações: CEP — Comitê de Ética em Pesquisa; CNS — Conselho Nacional de Saúde; PPG-IELT — Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias; RSI — Real, Simbólico e Imaginário; SUS — Sistema Único de Saúde; TCLE — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; UEG — Universidade Estadual de Goiás.

REFERÊNCIAS

- Adiadorim. (2025). Como acessar o Processo Transexualizador pelo SUS.
<https://adiadorim.org/noticias/2025/01/como-acessar-o-processo-transexualizador-pelo-sus>
- Brasil. Ministério da Saúde. (2013). Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS).
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html
- Brasil de Fato. (2025). 16 anos depois, Processo Transexualizador no SUS segue restrito e sob ataque.
<https://www.brasildefato.com.br/2025/01/29/16-anos-depois-processo-transexualizador-no-sus-segue-restrito-e-sob-ataque>
- Butler, J. (2003). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora UNESP.
- Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2011). Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. EDUFU.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1). Editora 34.
- Elias, V. A. (2016). O dispositivo analítico no hospital na clínica com transexuais: entre o set e o sujeito.
- Héritier, F. (2002). Masculino/feminino: o pensamento da diferença. Editora UNESP.
- Jung, C. G. (2019). O livro vermelho. Vozes.
- Kozinets, R. V. (2014). Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Penso.
- Lacan, J. (n.d.). O seminário, livro 14: A lógica do fantasma [Inédito].
- Louro, G. L. (2000). Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Autêntica.
- Morin, E. (2000). Os sete saberes necessários à educação do futuro. Cortez.
- Peciatro, J.-C. (2011). Educação transdisciplinar: por uma pedagogia da escuta. Triom.
- Preciado, P. B. (2014). Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica no regime farmacopornográfico. n-1 edições.
- Reis, S. (2013). A pesquisa qualitativa e os objetivos emancipatórios: contribuições para o campo educacional. Educação e Pesquisa, 39(3), 603–617.
- Rifiotis, T. (2016). Etnografia no ciberespaço como "repovoamento" e explicação. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 31(90), 83–98.
- Roman, M. (2021). Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan. Toro Editora. <https://toroeditora.com/real-simbolico-e-imaginario-no-ensino-de-jacques-lacan-02/>
- Shulman, L. S. (1986). Those who understand: Knowledge growth in teaching. Educational Researcher, 15(2), 4–14.
- Suanno, J. H. (2013). Escola criativa e práticas pedagógicas transdisciplinares e ecoformadoras [Tese de doutorado, Universidade Católica de Brasília].

NOTA DE INFORMAÇÃO: As declarações, opiniões e dados contidos em todas as publicações são de exclusiva responsabilidade dos autores e colaboradores individuais, e não da instituição mantenedora deste periódico e/ou dos editores. A revista e/ou os editores se eximem de qualquer responsabilidade por danos a pessoas ou bens resultantes de ideias, métodos, instruções ou produtos mencionados no conteúdo.